

Confúcio e a centralidade do Mandato do Céu

Antonio José Bezerra de Menezes Jr¹

Resumo: Neste artigo procuramos examinar a questão do Mandato do Céu em Confúcio em duas passagens dos *Analectos* que podemos interpretar como testemunho do Mandato (II, 4) e como imagem do Mandato (I, 1).

Palavras Chave: Confucionismo, Sinologia, Filosofia Chinesa Clássica.

Abstract: In this article we examine the question of the Mandate of Heaven by Confucius in two passages of the *Analects*, which we may interpret as witness of the Mandate (II, 4) and as image of the Mandate (I, 1).

Keywords: Confucianism, Sinology, Classical Chinese Philosophy.

Introdução

Assim como o Culto à Deus ocupa uma posição central na religião chinesa antiga, o Mandato do Céu [天命 *tiān mìng*] constitui a preocupação central de Confúcio. No plano existencial, nada se faz sem o Mandato e nada se faz fora do Mandato. O homem não pode realizar-se sem conhecer e cumprir a Vontade de Deus². Dado que o Culto a Deus é exclusivo do Imperador, o Mandato do Céu é a forma com que o letrado confuciano glorifica a Deus.

Vamos examinar a seguir duas passagens dos *Analectos* em que o Mandato aparece de forma explícita, quando Confúcio dá testemunho público no famoso trecho autobiográfico (II, 4), e de forma implícita, quando Confúcio constrói uma imagem do Mandato à exemplo do *Yi Jing* (I, 1).

Trecho A – *Analectos* II, 4 (O testemunho do Mandato)

子曰：「吾十有五而志于學，三十而立，四十而不惑，五十而知天命，六十而耳順，七十而從心所欲，不踰矩。」

Tradução de James Legge	Tradução de Joaquim Guerra
The Master said, “At fifteen, I had my mind bent on learning. At thirty, I stood firm. At forty, I had no doubts. At fifty, I knew the decrees of Heaven. At sixty, my ear was an obedient organ for the reception of truth. At seventy, I could follow what my heart desired, without transgressing what was right.”	Disse o Mestre: “Aos 15 anos, todo o meu empenho era estudar. Aos 30 estava formado. Aos 40 já não tinha hesitações. Aos 50 conheci a missão de Deus [天命]. Aos 60 era só seguir. Aos 70, seguia os desejos do meu coração, sem pisar a linha.”
<i>The Chinese Classics</i> , v. 1, 1861, p. 10-11	<i>Quadrivolume de Confúcio</i> , p. 125

¹ Professor Doutor do Curso de Chinês da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. antonio.menezes@usp.br

² Richard Wilhelm (1986) traduz 天命 *tiān mìng* por “Vontade de Deus”. Joaquim Guerra por “Missão de Deus”.

Esta famosa passagem autobiográfica de Confúcio pode ser dividida em dois ciclos: o primeiro relacionado ao estudo e o segundo relacionado ao Mandato do Céu. O primeiro ciclo é preparatório para o segundo, porém conhecer o Mandato já não está mais na ordem do estudar e irrompe de modo axial no plano da existência. Se o primeiro ciclo é marcado pela razão e o conhecimento das coisas humanas, o segundo ciclo é marcado pela iluminação e uma intuição (心), mas não o pleno conhecimento, das coisas divinas.

O trecho decisivo e que marca a passagem de um ciclo para outro é: 五十而知天命 (literalmente: “cinquenta anos e conheci o Mandato do Céu”). James Legge, seguindo a interpretação de Zhuxi, generaliza essa expressão esvaziando o seu caráter pessoal: “At fifty, I knew the decrees of Heaven.” Em nota na mesma página, acrescenta: “The decrees of Heaven = the things decreed by Heaven, the constitution of things making what was proper to be so.” (LEGGÉ, 1861, *The Chinese Classics*, vol. 1, p. 11). Zhu Xi assim comenta essa passagem em sua obra 四書章句集注 :

天命，即天道之流行而賦於物者，乃事物所以當然之故也。知此則知極其精，而不惑又不足言矣。

Heaven's decree refers to the heavenly Way spreading everywhere and imbuing all things. This is the reason that affairs and things are as they should be. To know it [heaven's decree] is knowing at its most refined – and that there would be no doubts goes without saying. (GARDNER, 2003, p.44)

Zhu Xi interpreta todo o texto de Analectos II, 4 como um único ciclo relacionado ao estudo, no qual o Mandato do Céu constitui o cerne de toda a investigação e a realidade última do universo. Nesta linha progressiva que leva a perfeição do saber, segundo Zhu Xi, aos 60 anos Confúcio podia conhecer tudo perfeitamente, sem necessidade de reflexão e aos 70 podia realizar todos os seus desejos sem excessos e sem esforço. Contudo essa concepção sublime, que aproxima Confúcio do sábio taoísta que se acriança, é incompatível com o espírito de modéstia do mestre chinês que se definia apenas como alguém que amava o passado e procurava transmitir a tradição (Analectos VII, 1).

Assim como o suposto elogio da riqueza em Analectos VII, 12 (o famoso trecho do chicote) é uma interpretação equivocada, também aqui esse auto-elógio da própria sabedoria é completamente estranho ao discurso de Confúcio. Ao contrário, a pedagogia confuciana é baseada no exemplo e no esforço. Assim, o texto autobiográfico de Analectos II, 4 deve ser entendido como o elogio do estudo e como o testemunho do Mandato. Trata-se portanto de uma verdadeira profissão de fé, que poderíamos parafrasear da seguinte forma: “buscar a sabedoria sinceramente e cumprir o mandato devotamente”. Importante notar que Confúcio termina os Analectos reafirmando a importância vital de se conhecer o Mandato: 不知命，無以為君子也 “Quem não conhece o Mandato (do Céu), não pode ser um cavalheiro” (Analectos XX, 3).

Joaquim Guerra pontua claramente que o Mandato é de caráter individual, utilizando para isso a palavra “missão”: “Aos 50 conheci a missão de Deus”. Em nota a essa passagem, escreve o tradutor português: “Eu entendo que aos 50 [Confúcio] conheceu a vocação ou missão a que Deus o chamava, que aliás bem cumpriu, salvando o melhor da antiguidade, que seria o patrimônio da China do futuro.” (GUERRA, 1984a, *Quadrivolume de Confúcio*, p. 135). Essa interpretação é coerente com as passagens dos Analectos que demonstram que 天 Tian é um Deus Pessoal.

Nesta linha, podemos acrescentar que tendo conhecido o Mandato (aos 50) é preciso aderir à ele de boa vontade (aos 60), apesar de todas as dificuldades que se

interpõem, e finalmente identificar a própria vontade com a vontade de Deus (aos 70). Compare-se essa conformidade da vontade e também da mente-intuitiva (心) aos 70 anos com a proclamação do Rei Tang (湯誥) que encontramos no Shang Shu (尚書): “Se tiverdes talentos, eu não ousarei impedi-los de se manifestarem. As culpas que me disserem respeito, não ousarei perdoar-mas; apenas as tomarei como elas estão na mente do Senhor Supremo (上帝之心)” (GUERRA, 1980b, Escrituras Selectas, pp. 293-295).

As etapas que formam o segundo ciclo de Analectos II, 4 relacionado ao Mandato do Céu podem ainda ser comparadas com o caminho de perfeição descrito em Analectos VI, 18:

子曰：「知之者不如好之者，好之者不如樂之者。」

Confucius remarked, “Those who know it are not as those who love it; those who love it are not as those who find their joy in it.” (KU HUNG-MING, 1976, p. 44)

Cabe observar que no texto original não está definido o objeto daquilo que se conhece, se ama e por fim com o qual se alegra. James Legge acredita que se trata de 道 ou 理 e acrescenta o termo “truth”: “They who know the truth are not equal to those who love it, and they who love it are not equal to those who delight in it” (LEGGÉ, 1861, The Chinese Classics, vol. 1, p. 55). Joaquim Guerra entende que se trata da virtude: “Conhecer a virtude, não vale o amá-la; e amá-la não vale o gozar já dela” (GUERRA, 1984a, Quadrivolume de Confúcio, pp.243-245). Gu Hongming nada acrescenta mantendo o sentido enigmático do original, porém escreve em nota: “This is the difference between a moralist, a philosopher, and a real man of religion” (KU HUNG-MING, 1976, p. 44). Considerando que cumprir o Mandato implica uma visão e uma atitude religiosa, podemos reler o ciclo a ele relacionado na mesma progressão: conhecer o Mandato, amar o Mandato e finalmente poder regozijar-se com o cumprimento do Mandato.

Trecho B – Analectos I, 1 (A imagem do Mandato)

子曰：「學而時習之，不亦說乎？有朋自遠方來，不亦樂乎？人不知而不慍，不亦君子乎？」

Tradução de James Legge	Tradução de Joaquim Guerra
The Master said, “Is it not pleasant to learn with a constant perseverance and application? Is it not delightful to have friends coming from distant quarters? Is he not a man of complete virtue, who feels no discomposure though men may take no note of him?”	Disse o Mestre (Confúcio): “Aprender, e depois pô-lo oportunamente em prática: não é realmente um prazer? Receber amigos que vem de longe, não é outro prazer? Não ser conhecido, e não ter pena disso: não será de um verdadeiro Cavalheiro?”
<i>The Chinese Classics</i> , vol. 1, 1861	<i>Quadrivolume de Confúcio</i> , p. 93



Nesta passagem, Joaquim Guerra inova a tradução do primeiro dos três aforismos de Analectos I, 1 como “aprender e praticar” ao invés de “aprender e repetir”. Nos Clássicos Chineses (Wu Jing), a questão do estudo é desenvolvida no livro XVIII – “O Regime Escolar” (學記) do Livro dos Ritos (GUERRA, 1988a, Cerimonial, vol. 2, pp. 183-215), o qual menciona como exemplo de autoridade o ministro Yue (說) cuja história é narrada no capítulo “O Encargo de Ved” (說命) do Shang Shu (GUERRA, 1980b, Escrituras Selectas, pp. 339-351). O ministro Yue é o protótipo do

erudito confuciano que atende ao Mandato do Céu. Além disso, o nome do ministro Yue coincide com o carácter que encerra o juízo do primeiro aforismo de Analectos I,1³.


Desta forma, a tradução de Joaquim Guerra permite deduzir que aquilo que é oportunamente colocado em prática é justamente o Mandato do Céu. Sob esta ótica, o Mandato do Céu constitui o nexos entre os três aforismos de Analectos I, 1 formando um ciclo cujas etapas podemos denominar como “o princípio do Mandato”, “o exercício ou virtude do Mandato” e “a conclusão do Mandato”. Esta idéia de ciclo, para o qual os três aforismos seriam as imagens de cada etapa, nos remete ao Yi Jing, o *Livro das Mutações*, no qual encontrarmos diversas ocorrências do carácter 說 associado direta ou indiretamente à idéia do Mandato do Céu.

No quadro apresentado a seguir, podemos comparar os três aforismos de Analectos I, 1 com as imagens dos hexagramas 14, 58 e 28, com os quais o texto do *Analectos* possui forte correspondência. Utilizamos aqui o texto da famosa tradução de Richard Wilhelm (1873-1930) datada de 1923. A equivalência entre a numeração tradicional adotada por Wilhelm e a “numeração natural ou matemática” adotada e assim nomeada por Guerra é a seguinte:

<i>I Ching – O Livro das Mutações</i> Tradução de Richard Wilhelm (2009) Ordem Tradicional	<i>O Livro das Mutações</i> Trad. de Joaquim Guerra (1984) Ordem Matemática ou Natural
Hex. 14 – Grandes Posses (p. 66)	Hex. 62 – Grande Respeitabilidade (p. 635)
Hex. 58 – Alegria (p. 178)	Hex. 28 – Prazer, Alegria (p. 333)
Hex. 28 – Preponderância do Grande (p. 101)	Hex. 52 – Demasia (p. 545)

Analectos I, 1 Tradução de Joaquim Guerra	<i>Yi Jing (I Ching) – Livro das Mutações</i> Tradução de Richard Wilhelm
1a – O princípio do Mandato 學而時習之，不亦說乎？ Aprender, e depois pô-lo oportunamente em prática: não é realmente um prazer?	 14 – Grandes Posses (大有) 君子以遏惡揚善，順天休命。 Assim, o homem superior reprime o mal e promove o bem em obediência à benevolente vontade do céu.
1b – A virtude do Mandato 有朋自遠方來，不亦樂乎？ Receber amigos que vem de longe, não é outro prazer?	 58 – Alegria (兌) 君子以朋友講習。 Assim o homem superior reúne-

³ Cabe notar que nessa passagem em particular, o carácter 說 (shuō) “falar, dizer” está no lugar de 悅 (yuè) “alegre, satisfeito” e deve ser lido (e entendido) como este último. Este é um dos casos mais famosos de “erro consagrado” e pertence a uma classe especial de caracteres conhecida como “falsos empréstimos” (假借, jiǎ jiè).

	se a seus amigos para debater e praticar.
<p>1c – A conclusão do Mandato 人不知而不愠，不亦君子乎 ?</p> <p>Não ser conhecido, e não ter pena disso: não será de um verdadeiro Cavaleiro?</p>	 <p>28 – Preponderância do Grande (大過)</p> <p>君子以獨立不懼，遯世无悶。</p> <p>Assim o homem superior não se aflige quando está só e não se deixa abater quando deve renunciar ao mundo.</p>
<i>Quadrivolume de Confúcio</i> , p. 93	WILHELM, 2009, p. 66, 178 e 101

O princípio do Mandato – Hexagrama 14

No final do comentário ao Julgamento do hexagrama 14 (Grandes Posses), lemos que o homem superior consolida sua virtude e atua no momento propício (時行), da mesma forma que nos Analectos I, 1a ele completa seus estudos e oportunamente coloca-os em prática (時習): “Se o seu prestígio se consolida e se torna esclarecido, em consonância com o Céu e actuando oportunamente, claro que o êxito será grande.” (GUERRA, 1984c, O Livro das Mutações, p. 635). Desta forma, o hexagrama 14 esclarece dois pontos importantes relacionados à Analectos I, 1a: primeiro que a passagem da teoria à prática, questão crítica para os discípulos (vide Analectos XI, 21), depende fundamentalmente do Mandato do Céu, o que equivale a discernir a Vontade de Deus na vida individual de cada um; segundo que essa prática depende de um caráter moral firmemente estabelecido que de forma obediente e reverente “reprime o mal e promove o bem”. Portanto, o hexagrama 14 revela a seriedade e a gravidade com que o binônimo estudar e praticar de Analectos I, 1a deve ser considerado, pois se trata de corresponder ao chamado de uma vocação.

Sobre o hexagrama 14, Wilhelm comenta em nota: “O sentido do hexagrama concorda com as palavras de Jesus: ‘Bem-aventurados os mansos, pois deles será o reino dos céus’” (WILHELM, 2009, p. 66, nota 16). No entanto, a citação bíblica do discurso das Bem-aventuranças (Mt 5, 3-12) está trocada. Relativo aos mansos está escrito que herdarão a terra (versículo 5), enquanto que o Reino dos Céus será para os pobres no espírito (versículo 3). A Bíblia de Jerusalém dedica uma longa nota à esse último versículo interpretando essa pobreza de matiz moral como símbolo de humildade (Bíblia de Jerusalém, 2002, p. 1710, nota h). O mais provável é que Richard Wilhelm tivesse em mente esse último versículo que se coaduna perfeitamente com a moral confuciana: “Felizes os pobres em espírito, porque deles é o Reino do Céu.” (Mt 5, 3). Isto porque as Grandes Posses de que fala o hexagrama 14 e que o erudito confuciano aspira fundamentalmente não são de natureza material, mas de natureza moral e espiritual.

Desta forma, podemos denominar Analectos I, 1a como “o princípio do Mandato”, que corresponde ao momento do chamado e da investidura, tal como o ministro Yue 說 do Shu Jing (GUERRA, 1908b, Escrituras Selectas, pp. 339-351). Esse momento de grande significado existencial ocorre quando os estudos e o caráter estão estabelecidos, tal como vimos também no famoso trecho autobiográfico de Confúcio (Analectos II, 4).

A virtude do Mandato – Hexagrama 58

A imagem do hexagrama 58 completa a descrição de Analectos I, 1b afirmando que os amigos reunidos auxiliam a “debater e praticar (習)” repetindo o carácter de Analectos I, 1a. Trata-se portanto do momento do pleno exercício do Mandato. Em sentido figurado, os amigos que vem de longe podem representar as bênçãos do Céu, a graça necessária para o cumprimento do Mandato (compare-se ainda com o relato do Livro de Tobias). Nos seus comentários ao *Livro das Mutações*, escreve Confúcio:

Abençoar significa ajudar. O céu ajuda ao homem de devoção; os homens ajudam a quem é sincero. Aquele que caminha na verdade e pensa com devoção, reverenciando ainda aos homens dignos, é abençoado pelo céu. Ele encontra a boa fortuna e tudo lhe é favorável. (WILHELM, 2009, p. 68)⁴

Desta forma, podemos denominar Analectos I, 1b como o exercício ou a virtude do Mandato no sentido das bênçãos do Céu que acorrem em auxílio daquele que devotamente busca cumprir o Mandato que lhe foi confiado.

A conclusão do Mandato – Hexagrama 28

A imagem do hexagrama 28 também completa a descrição de Analectos I, 1c afirmando que a solidão (não ser mais conhecido) se dá em decorrência de um afastamento voluntário. Tendo concluído o Mandato, deve-se renunciar aos seus encargos. No trecho autobiográfico de Confúcio isso corresponde à idéia de não transgressão, de não ultrapassar os limites. Não ter pena ou não se afligir com esse afastamento é sinal de desapego. Esse tema irá reaparecer posteriormente em Laozi no final do capítulo 2 do Dao De Jing: “concluída a obra / ele não se atém / e só por não se ater / ela não se esvai” (LAOZI, 2002, p. 31)

No Julgamento do hexagrama 28 encontramos essa idéia de uma renúncia tranqüila e mesmo alegre: “DEMÁSIA. Uma trave a ceder. Importa ter para onde se mudar e ficar à vontade” (GUERRA, 1984c, O Livro das Mutações, p. 545). Logo em seguida, no comentário ao Julgamento podemos ler: “Quando o que é resistente se excede e se lhe sentem as conseqüências, é ceder e proceder alegremente (說)” (GUERRA, 1984c, O Livro das Mutações, p. 545). É nesse sentido de despojamento e de viver com espírito de pobre é que se entende a expressão “seguir os desejos do coração” no final do trecho autobiográfico (Analectos II, 4).

Desta forma, podemos denominar Analectos I, 1c como “a conclusão do Mandato”. Trata-se em primeiro lugar de renunciar aos encargos para os quais já não se possui mais o vigor físico e intelectual necessário (a segunda e a quinta linhas do hexagrama 28 trazem justamente a idéia da velhice); em segundo lugar, e tendo no horizonte o fim da existência humana, não se gloriar do Mandato mas adotar uma atitude abnegada, tal como expresso em Analectos I, 1c “não ser conhecido, e não ter pena disso”⁵.

⁴ Richard Wilhelm traz esse comentário para a sexta linha do hexagrama 14, que associamos justamente com Analectos I, 1a. Na tradução de Joaquim Guerra esse comentário de Confúcio está na página 717 do *Quadrivolume de Confúcio* (1984).

⁵ Compare-se ainda com o último testemunho de S. João Batista: “É preciso que ele cresça e eu diminua” (Jo 3, 30).

Considerações Finais

Os aforismos de Analectos I, 1, sem conexão aparente entre si, formam no seu conjunto a imagem do Mandato do Céu e o seu ciclo de vida. Nessa imagem destaca-se o carácter 說, presente em todas as etapas do ciclo, mostrando que ele é a chave hermenêutica de todo o texto. Importante notar que o hexagrama 58 – Alegria (兌) identifica-se totalmente com 說. Assim lemos no Julgamento desse hexagrama: “DOEY quer dizer Alegria [兌, 說也]” (GUERRA, 1984c, O Livro das Mutações, p. 333). Nesse sentido, o carácter 說 confere ao Mandato não apenas um sentido de alegria ou satisfação mas de bem-aventurança: “felizes são aqueles que ouvem a palavra de Deus e a põem em prática.” (Lc 11, 28)

Bibliografia Básica

- BÍBLIA. Português. *Bíblia de Jerusalém*. Nova edição, revista e ampliada. Trad. Euclides Martins Balancin et alii. São Paulo: Paulus, 2002.
- CONFÚCIO. *The Discourses and Sayings of Confucius*. A new special translation, illustrated with quotations from Goethe and other writers by Ku Hung-Ming. Taipei: Prophet Press, 1976.
- GARDNER, Daniel K. *Zhu Xi's Reading of the Analects: Canon, Commentary and the Classical Tradition*. New York: Columbia University Press, 2003.
- GUERRA, Joaquim A. de Jesus. *Cerimonial*. Macau: Jesuítas Portugueses, 1988, 3 vols.
- GUERRA, Joaquim A. de Jesus. *Escrituras Selectas*. Macau: Jesuítas Portugueses, 1980.
- GUERRA, Joaquim A. de Jesus. *O Livro das Mutações*. Macau: Jesuítas Portugueses, 1984.
- GUERRA, Joaquim A. de Jesus. *Quadrivolume de Confúcio*. Macau: Jesuítas Portugueses, 1984.
- LEGGÉ, James. *The Chinese Classics*. Londres: Trubner & Co, 1861, 7 volumes.
- SPROVIERO, Mario Bruno. “Confúcio e a Revelação Primitiva” in revista *Mirandum: Estudos e Seminários*, Ano 2, Num. 5, Maio-Agosto de 1998. Disponível em: <<http://www.hottopos.com/mirand5/mario.htm>>. Acesso em: 04/06/2013.
- SPROVIERO, Mario Bruno. “Shang Di: Deus na China” in revista *China em Estudo*, São Paulo: DLO-FFLCH-USP, Num. 4, 1997, pp. 47-64.
- WILHELM, Richard. *Confúcio*. Madrid: Alianza Editorial, 1986.
- I Ching – O Livro das Mutações*. Tradução de Richard Wilhelm. São Paulo: Pensamento, 2009.

Recebido para publicação em 02-01-14; aceito em 28-01-14